

ESTUDO SOBRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS: as praças na cidade de Ituiutaba - MG

Lucas Alves Pereira

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil¹
lapereira.geo@gmail.com

Carlos Roberto Loboda

Professor do curso de Graduação em Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal, Ituiutaba-MG, Brasil¹
loboda@ufu.br

Vanessa Santos Pereira

Graduada em Geografia (licenciatura e bacharelado), Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal, Ituiutaba-MG, Brasil¹
vanessa.seratna@gmail.com

Resumo: A proposta aqui trabalhada visa compreender a dinâmica de apropriação das praças na cidade de Ituiutaba (MG). Foi realizada uma primeira atividade exploratória de campo, visando identificar as principais características das praças da cidade. Após esse momento, foram definidas dez praças, de maneira a considerar a diversidade de localizações (centrais, intermediárias e periféricas), tamanhos, composição paisagística, aptidão para a realização de funções ambientais, estéticas, recreativas, bem como as características do entorno (residencial, comercial e misto). Podemos inferir que as praças analisadas podem ser interpretadas a partir de conteúdos que remetem aos seguintes aspectos: a relação da centralidade e a manifestação política e cultural, os múltiplos usos e as múltiplas territorialidades, a praça como lugar de lazer e recreação e a praça de bairro nas periferias, tendo características próprias.

Palavras-chave Espaço urbano; Estruturação urbana; Praças públicas; Espaço público; Práticas socioespaciais.

STUDY ON PUBLIC SPACES: the squares in the city of Ituiutaba - MG

Abstract: The proposal worked here aims to understand the dynamics of appropriation of squares in the city of Ituiutaba (MG). A first field exploratory activity was carried out in order to identify the main characteristics of the city's squares. After this moment, ten squares were defined, to consider the diversity of locations (central, intermediate and peripheral), sizes, landscape composition, ability to carry out environmental, aesthetic, recreational functions as well as the characteristics of the surroundings (residential, commercial and mixed). We can infer that the analyzed squares can be interpreted from contents that refer to the following aspects: the relationship of centrality and the political and cultural manifestation, the multiple uses and multiple territorialities, the square as a place of leisure and recreation and the square of neighborhood on the outskirts, with its own characteristics.

Keywords: Urban space; Urban structuring; public squares; Public place; Sociospatial practices.

ESTUDIO DE ESPACIOS PÚBLICOS: las plazas de la ciudad de Ituiutaba - MG

Resumen: La propuesta aquí trabajada tiene como objetivo comprender la dinámica de apropiación de plazas en la ciudad de Ituiutaba (MG). Se realizó una primera actividad exploratoria de campo con el fin de identificar las principales características de las plazas de la ciudad. Luego de este momento, se definieron diez plazas, con el fin de considerar la diversidad de ubicaciones (centrales, intermedias y periféricas), tamaños, composición del paisaje, capacidad para cumplir funciones ambientales, estéticas, recreativas, así como las características del entorno (residencial, comerciales y mixtos). Podemos inferir que las plazas analizadas pueden ser interpretadas a partir de contenidos que se refieren a los siguientes aspectos: la relación de centralidad y la manifestación política y cultural, los múltiples usos y múltiples territorialidades, la plaza como lugar de esparcimiento y recreación y la plaza de Barrio en la periferia, con características propias.

Palabras clave: Espacio urbano; estructuración urbana; plazas públicas; Lugar público; Prácticas socioespaciales.

¹ Endereço para correspondência: Rua Vinte, 1600, B. Tupã, CEP: 38.304-402, Ituiutaba-MG.

Introdução

Considerando o intenso processo de urbanização no Brasil, é recorrente que se encontre em pesquisas a discussão acerca dos aspectos negativos relacionados à insegurança e às condições deterioradas dos espaços públicos nas áreas urbanas, e em aspectos quantitativos, como a ausência de praças, parques e equipamentos comunitários nas áreas periféricas e a concentração desses espaços nas áreas centrais².

A problemática aqui proposta está situada no âmbito da cidade e seus espaços, compreendendo os diferentes usos realizados nas praças públicas. Nesta perspectiva, nos inserimos nos estudos que proporcionam subsídios à compreensão do espaço público e a consequente contribuição para o planejamento urbano, bem como para políticas públicas de incentivo ao uso da cidade, considerando a multiplicidade de seus usos e funções.

Assim sendo, propomos compreender a dinâmica de apropriação das praças na cidade de Ituiutaba (MG), considerando as relações entre os usos realizados pelos cidadãos e suas respectivas práticas socioespaciais e representações, dando conteúdo ao espaço público da cidade.

O município de Ituiutaba localiza-se no centro-norte do Triângulo Mineiro (Figura 1), distante 761 km da capital, Belo Horizonte. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2021), a estimativa para o ano de 2021 foi de 105.818 mil habitantes. Considerando os resultados do último Censo (IBGE, 2010), o município contava uma população de 97.171, sendo que 93.125 pessoas moravam na área urbana e 4.046 na área rural.

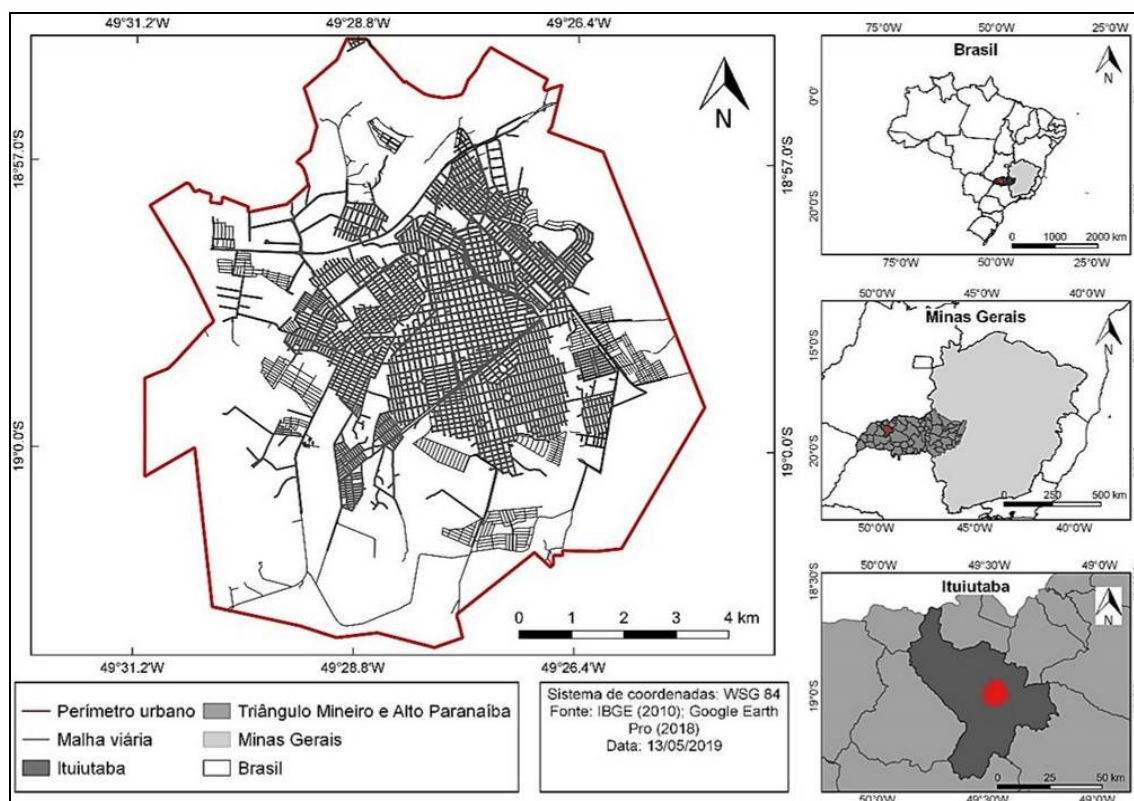
Para além dos aspectos de ordem demográfica, podemos considerar que Ituiutaba assume funções importantes em sua microrregião, disponibilizando serviços voltados para a saúde e a educação, polarizando outras de menor porte que a circundam, caracterizando-se por uma dinâmica que corrobora para sua relevância no contexto local e regional.

Segundo Nascimento e Melo (2010), a cidade de Ituiutaba tem relevante importância econômica, sendo a mais bem equipada no centro-norte do Triângulo Mineiro e chamada de região do “Pontal”. Nas últimas três décadas, o município de Ituiutaba recebeu novos e importantes empreendimentos econômicos e equipamentos urbanos, o que lhe deu destaque regional a partir da instalação de empresas do setor agroindustrial e de instituições de ensino superior, como, por exemplo, a Universidade Federal de Uberlândia.

Sobre a dinâmica urbana de Ituiutaba, levando em consideração um recorte temporal recente, com base nos mapas municipais oficiais, no ano de 2015 a cidade contava com 75 bairros, enquanto em 2017 já possuía 106 bairros (SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE ITUIUTABA, 2017). Dessa maneira, o acréscimo de bairros, alguns, inclusive desconexos da malha urbana, nos dá, em certa medida, o avanço do processo recente de urbanização, tornando pertinente a reflexão sobre a relação entre a distribuição, os usos e o direito ao espaço público como interesse comum. Portanto, Ituiutaba torna-se um relevante objeto empírico para tratarmos do espaço público.

² Alguns trabalhos relacionados: Loboda (2008), William (2002), Arantes (2016), Santos (2015), Azevedo (2013), Bortolo (2015) e Pereira (2023).

Figura 1: Ituiutaba (MG): localização do município e malha urbana (2017)



Fonte: IBGE (2010); Google Earth Pro (2018).
Organização: Lucas Alves Pereira (2020).

Dos Procedimentos Teórico-Methodológicos

A primeira etapa do processo de construção da pesquisa consistiu na delimitação dos recortes, objetivos e elaboração do levantamento teórico que contemplasse o espaço urbano, espaço público, formas, funções e usos, praças, espaços livres e áreas verdes. A posteriori, tomamos por base o estudo realizado por Pereira (2019) que identificou³ e espacializou as áreas verdes⁴ (24 áreas) e espaços livres urbanos⁵ (39 espaços) na cidade de Ituiutaba, mesmo que, a partir da caracterização das áreas verdes e espaços livres, todos os locais estudados referem-se às praças de Ituiutaba, locais de nosso interesse para investigação.

Utilizando a referência anterior, e no intuito de definir um recorte, considerando a quantidade significativa de praças, foi realizada uma primeira atividade exploratória de

³ Faz-se necessário estabelecer a relação entre espaços livres e áreas verdes urbanas: os espaços livres aparecem como categoria superior às áreas verdes urbanas, contendo-as em seu repertório. Porém, nem todo espaço livre se manifesta como uma área verde urbana. Isso ocorre pelo fato de ser necessário a realização de funções múltiplas e específicas. Em síntese, toda área verde urbana é um espaço livre, mas nem todo espaço livre é uma área verde urbana.

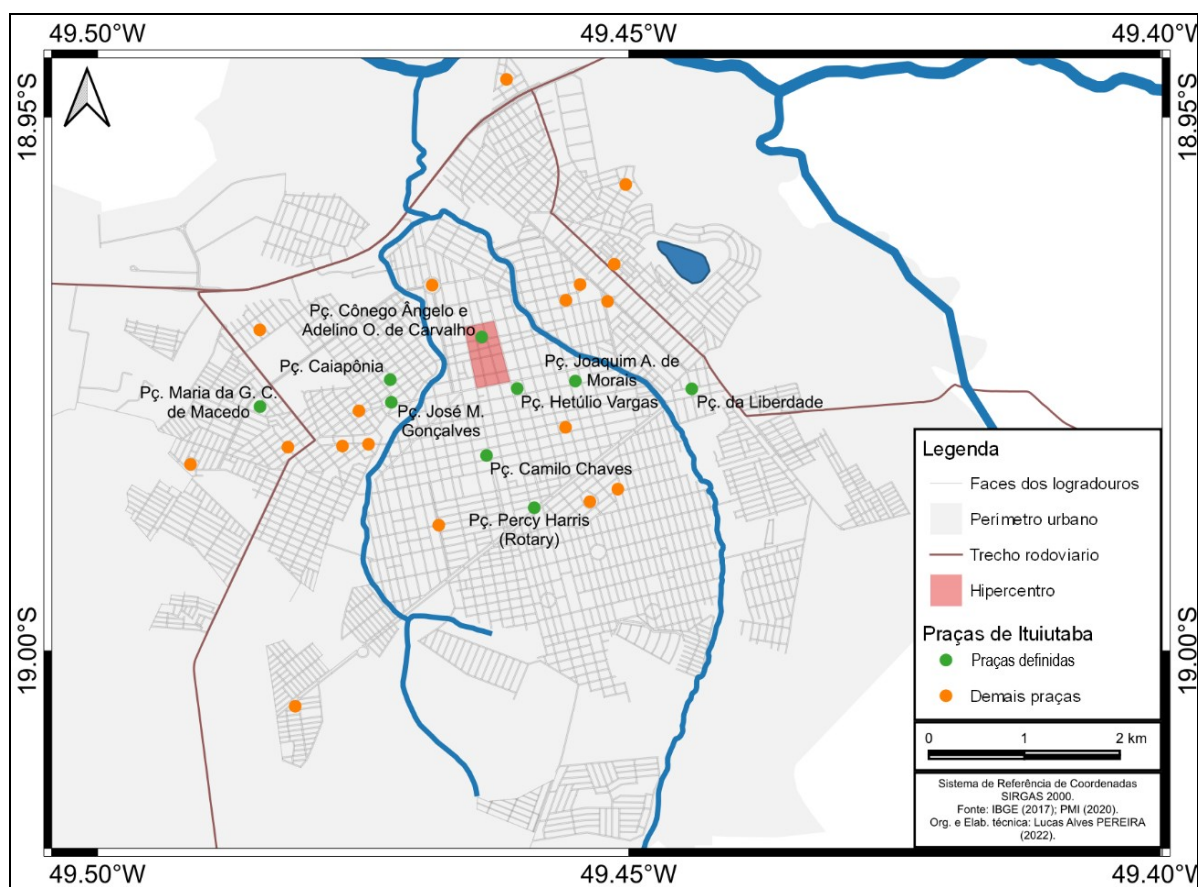
⁴ O espaço livre urbano pode ser entendido como toda área da cidade que apresenta grande extensão com permeabilidade do solo, tendo poucas ou nenhuma edificação. Maiores detalhes são encontrados em Macedo (1995), Magnoli (2006), Coccozza e Oliveira (2013) e Queiroga e Benfatti (2007).

⁵ Uma área verde urbana pode ser definida como fração da cidade em que são realizadas, principalmente, funções ambientais, estéticas, recreativas e sociais a partir do uso ativo (educação e saúde). As áreas verdes urbanas têm como característica fundamental uma composição paisagística em que predomina a vegetação. Para maior aprofundamento, sugerimos a consulta de Pereira (2019), Pereira e Loboda (2022), Loboda (2003), Loboda e De Angelis (2005), Mazzei e Colesanti (2007), Lima *et al.* (1994), Bucheri e Nucci (2006), Nucci (2008), Cavalheiro e Del Pichia (1992), Bucheri e Tonetti (2011), Bargas e Matias (2011), Benini (2009), Milano (1990) e Oliveira (1996).

campo, visando identificar as principais características das praças enquanto espaço público, como as funções desempenhadas e o amplo acesso. Após esse momento, foram definidas dez praças (Figura 2), de maneira a considerar a diversidade de localizações (centrais, intermediárias e periféricas), tamanhos, composição paisagística, aptidão para a realização de funções ambientais, estéticas, recreativas, bem como as características do entorno (residencial, comercial e misto).

Considerando a diversidade das praças de Ituiutaba, acreditamos que a amostragem definida manifesta as principais características do conjunto do universo das praças na cidade; desse modo, torna-se representativa, possibilitando a compreensão das dinâmicas dos e nos espaços públicos.

Figura 2: Localização das Praças definidas para a pesquisa



Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento (2017); Atividades de campo.
Organização: Lucas Alves Pereira (2020).

Considerando a definição do objeto empírico, foram realizados os trabalhos de campo intensivos nesses locais, representados por meio da Figura 2, com o objetivo de observar sua estrutura e, sobretudo, os usos que a população faz dessas praças, durante diferentes períodos do dia e em dias diferenciados, tendo como base um cronograma previamente estabelecido para a visitação e observação recorrente. As visitas foram realizadas durante algumas semanas do segundo semestre de 2018 e no primeiro semestre de 2019, em horários diferentes, pela manhã, à tarde e à noite. Além disso, foram feitas visitas não programadas, de acordo com demandas. Ambas as visitas (programadas ou não) visaram verificar, nos locais estudados, quais são os usos cotidianos realizados pela população local.

O trabalho *in loco* foi realizado para identificação das formas e seus respectivos conteúdos, a partir das diversas maneiras pelas quais a população faz uso do espaço público, sempre considerando, em nossa análise, os aspectos atrelados à forma, usos e funções das

praças estudadas. Enfim, destacamos que o trabalho de campo, ou seja, o levantamento empírico, foi de fundamental para subsidiar a caracterização e análise geral das praças, em um esforço de síntese entre as bases teóricas que versam sobre o espaço público e o caráter empírico do uso nas praças, encontrado por meio das práticas socioespaciais cotidianas.

Sobre as premissas que delimitam nossa abordagem teórica

Entendemos a cidade não apenas como o lugar onde é localizada, de forma estática, a concentração de objetos geográficos como construções, vias, casas, fábricas e a população que nela reside e circula, mas também a partir das interações entre as pessoas, pois, como enfatiza Gomes (2002, p. 19), “ela é inicialmente, uma associação entre pessoas de forma física e um conteúdo”. Portanto, evidenciamos que o conteúdo é dado, sobretudo, pela sociedade, no processo de apropriação.

A apropriação ocorre diferencialmente na cidade. Em termos gerais,

O espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se, em um primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade ou simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado (CORREIA, 2005, p. 7).

São os processos sociais que modelam os espaços existentes na cidade, sendo assim, dão funções aos espaços e originam as formas que presenciamos hoje. Essas formas e funções (os conteúdos) que a sociedade dá aos espaços da cidade são mutáveis, podendo ocorrer ao longo do tempo, dependendo de sua intensidade, ou ainda, se realizando em um curto período.

Santos (1997) nos apresenta uma contribuição importante, no intuito de enfatizar o que se entende por “Forma”, que “é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de seus aspectos num dado instante do tempo” (SANTOS, 1997, p. 50). O autor ainda trata da Função, sendo outro aspecto que “sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa” (SANTOS, 1997, p. 50), o que nos leva a entender que as formas e funções são partes daquilo que Santos (1997, p. 50) enfatiza enquanto resultado de um Processo, “uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança”.

Nesse sentido, direcionamos nossa atenção para um estudo das formas e funções relacionadas diretamente com os espaços públicos, notadamente as praças, como uma forma urbana e seu uso e apropriação como conteúdo, sendo ele de natureza pública.

Inúmeras são as definições referentes ao termo *praça*. Mesmo havendo divergências entre os autores, todos concordam em conceituá-la como um espaço público e urbano. A praça sempre foi celebrada como espaço de convivência e lazer dos habitantes urbanos. [...] *Praças* são espaços livres de edificação, públicos e urbanos, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos (ROBBA; MACEDO, 2010, p. 15-17).

Considerando a praça enquanto espaço público, Loboda (2009) destaca sua importância para a população, pois é um espaço de sociabilidade, sendo a partir dele que emergem as mais expressivas práticas socioespaciais de interação, trocas, pertencimento, reconhecimento, representações e liberdade de expressão de um coletivo ou individual.

O espaço público é entendido como um espaço pluralizado, multifacetado, dotado de uma complexidade que lhe dá características peculiares, considerando sua multiplicidade de usos (LOBODA, 2008), sendo que neste mesmo espaço torna-se possível a coexistência das diferenças e de diferentes cidadãos.

As interações socioespaciais dos cidadãos são realizadas na mobilidade entre o espaço privado e os espaços públicos, ou seja, é nessa relação que procuramos entender que o espaço público é muito mais que um local para o deslocamento, mas sim, das práticas cotidianas; portanto, sua existência e distribuição são fundamentais, no intuito garantir acesso a esses locais de sociabilidade urbana, da interação, da mistura das pessoas na cidade.

Para tanto, a localização do espaço público, aqui caracterizado pela praça, nunca é desprezível. Segundo Robba e Macedo (2010), dependendo da localização, as praças irão adquirir várias e distintas funções:

- Em áreas centrais, a praça é a alternativa naturalista para a amenização das condições climáticas, da qualidade do ar e insolação. Além de espaço destinado ao lazer, serve também como espaço articulador e centralizador da circulação de pedestres;
- Nas áreas habitacionais, a praça se consolida como área de lazer passivo e ativo, além de servir à convivência das pessoas. A chamada praça de bairro atrai os moradores das proximidades, que a frequentam a fim de desfrutar de momentos de relaxamento e tranquilidade em áreas arborizadas e ajardinadas. As atividades recreativas estão nos jogos, brincadeiras, namoro e encontro com os amigos (ROBBA; MACEDO, 2010, p. 37).

A praça é um espaço de múltiplas funções, e, conseqüentemente, de variados usos, que mudam com o passar do tempo e em virtude do uso que diferentes pessoas fazem desse lugar; apresentam possibilidades diversas, “pois vários grupos ou indivíduos de culturas e comportamentos diferentes ali interagem realizando trocas e, muitas vezes, gerando conflitos” (EBERHART, 2014, p. 3).

Portanto,

Desse ponto de vista, um olhar geográfico sobre o espaço público deve considerar, por um lado, sua configuração física e, por outro, o tipo de práticas e dinâmicas sociais que aí se desenvolvem. Ele passa então a ser visto como um conjunto indissociável das formas com as práticas sociais. É justamente sob esse ângulo que a noção de espaço público pode vir a se constituir em uma categoria de análise geográfica. Aliás, essa parece ser a única maneira de se estabelecer uma relação direta entre a condição de cidadania e espaço público, ou seja, sua configuração física, seus usos e sua vivência efetiva (GOMES, 2002, p. 172).

Vinculando a praça e a área verde urbana, entendemos que estas são elementos estruturadores da cidade, sobretudo por seus atributos associados às suas funções ecológicas, estéticas e sociais. Sendo assim, são espaços complexos que apresentam condições dinâmicas para o uso em ato ou uso em potencial, tendo em vista, ainda, as múltiplas funções desses espaços (LOBODA; DE ANGELIS, 2005).

Neste sentido, delimitamos nosso recorte a partir das praças enquanto locais que cumprem efetivamente as funções (ecológica, estética e sociais) de uma área verde urbana, ou seja, mais que um espaço livre de edificação ou de simples circulação, possuem um conteúdo social vinculado a usos e apropriações que se manifestam a partir das funções realizadas.

Enfim, entendendo a relação entre o espaço público manifestado nas praças e os respectivos usos com as práticas socioespaciais, trataremos, na sequência, dos encaminhamentos trilhados na abordagem aqui proposta, enfatizando como a forma “praça” comporta usos distintos, ressignificando constantemente o espaço público, conferindo-lhe conteúdos diversos a partir das práticas socioespaciais cotidianas.

Formas, Usos e Representações

Como desdobramentos da articulação entre teoria e empiria, procuramos demonstrar como se apresentam as praças definidas neste estudo, entendendo-as como uma forma-conteúdo: o público a partir dos usos. Como espaço público, incidem sobre esse espaço-tempo diferentes apropriações, usos e dominações, sendo essas práticas programadas, espontâneas, formais, informais, como “vitrine” dos excluídos e de emancipação. Portanto, temos o espaço público como uma forma atravessada pela indeterminação que a sociabilidade entre os diferentes proporciona.

Considerando a complexidade do espaço público, elencamos, a partir da relação entre o teórico e o empírico, quatro representações, por meio das quais buscamos demonstrar o conteúdo das praças estudadas, sendo: o espaço político e cultural, fortemente vinculado à centralidade das praças; o espaço de múltiplos usos e multiterritorialidade, a partir da separação dos usos em grupos ou objetivos específicos, não ocorrendo interações entre diferentes; o espaço recreativo e de lazer; e o espaço público nas áreas periféricas da cidade.

As formas de representações aqui elencadas foram definidas em função da necessidade de organizar e sistematizar as informações com base na realidade encontrada nos trabalhos de campo sobre as praças estudadas, denotando o conteúdo a partir do uso do espaço público, seja a partir da abordagem relacionadas à dinâmica da área central e a influência da centralidade, seja associada aos usos e às funções desses locais em áreas periféricas.

Sobre praças e centralidade

O espaço público urbano, em suas variadas formas, confunde-se com a história das próprias cidades, sendo que as áreas centrais geralmente estão associadas à presença dos espaços públicos, como a praça ou os calçadões. No entanto, com o processo de expansão da malha urbana de nossas cidades, torna-se notória uma diminuição desses espaços públicos, sobretudo em áreas periféricas. Dessa forma, nossa abordagem procura tratar desses espaços na área mais central, mas também em locais para além do centro, contemplando as formas e os conteúdos referentes aos diferentes tipos de usos, suas formas e funções.

Neste sentido, considerando a estratégia utilizada para definição do recorte, foram trabalhadas três praças associadas à área mais central da cidade, localizadas próximas (aproximadamente a 450 metros, na maior das distâncias), sendo: a Praça Conego Ângelo (Praça da Prefeitura), vinculada à formação original da cidade, próxima à Igreja Matriz; a Praça Adelino Oliveira de Carvalho (Praça do Fórum), que, em certa medida, é um anexo da praça anterior; e a Praça Getúlio Vargas.

Durante o trabalho de campo na Praça Getúlio Vargas, constatamos que o uso, além da passagem, é realizado principalmente nos finais de semana, por famílias com crianças que se utilizam desse local para o lazer, pessoas que levam cães para passear nos finais tarde ou para caminhadas, pois a praça possui um amplo local, proporcionando usos variados. Em relação à sua utilização no período noturno, verificamos que em alguns pontos não há boa iluminação. Como é dotada de arborização densa e alta na maioria de sua extensão, a iluminação por postes médios é insuficiente e os postes altos têm sua iluminação bloqueada pela vegetação. De certa forma, parte dos usuários, por medo, restringe a sua presença e uso dessa área nesse período. No entanto, parece que se trata de um espaço público multifuncional, considerando a presença de jovens que se reúnem para fazer consumo de bebidas, ouvir som, conversar etc.

Outras práticas relevantes encontradas nas praças centrais foram aquelas atividades associadas ao comércio, sobretudo o informal, aspecto expressivo em nossas cidades. Na Praça Getúlio Vargas, devido, principalmente, à falta de infraestrutura, predomina, durante o dia, o comércio informal: vendedores de sorvete, de móveis em madeira, de mudas frutíferas e ornamentais, além de vendedores de revestimento de estofados e de acessórios automotivos.

De outro modo, na Praça Conego Ângelo e na Praça Adelino Oliveira de Carvalho encontram-se comércios com estrutura fixa, como sorveterias, chaveiros, lanchonetes e um pequeno livreiro, um projeto de incentivo à leitura. Estes atuam predominantemente durante o dia, pois, no período noturno, compartilham espaço, com a presença de pequenos quiosques móveis: carros de cachorro-quente, sanduíches, churros, pastéis e brinquedos infantis. Esses comércios aumentam aos finais de semana, quando são montadas também estruturas de “barraquinhas”, que além dos comércios citados, também vendem “jantinhas”, “espetinhos” e comidas típicas.

O comércio informal de alimentos nas ruas sempre teve importância significativa, tanto econômica, para as famílias trabalhadoras, quanto na promoção da convivência e da sociabilidade nos grandes centros urbanos, em que esses locais e seu comércio acionam códigos que representam mais do que momentos de compra e venda, possibilidades de personalidade e afetividade (GONÇALVES; ABDALA, 2016, p. 2).

Gomes (2002) complementa, afirmando que

Este chamado setor informal se desenvolve quase sempre nos locais públicos de maior circulação ou grande valorização comercial e se estabelece como um meio de explorar uma certa atividade sobre uma área, em princípio, deveria ser de livre acesso para todos (GOMES, 2002, p. 177).

Por se tratar de pontos de referência na cidade, tendo alta visibilidade, por vezes as praças centrais recebem manifestações culturais e de cidadania (Figura 3). Sobre esse aspecto, destacamos a função política, que ganha, atualmente, novos contornos. Na contemporaneidade, a multiplicidade e multiculturalidade são elementos basilares no movimento de resistência, que visam defender a cidadania, os direitos vinculados à universalidade e o público, no amplo sentido.

Figura 3: Manifestações políticas e culturais nas praças centrais em Ituiutaba (MG), ocorridas durante os anos de 2018 e 2019



Fonte: Vanessa Santos Pereira (2018); Lucas Alves Pereira (2019).

Enquanto exemplo do elemento político, podemos destacar o ato denominado “Mulheres Contra o Fascismo”, ocorrido no dia 29 de outubro de 2018, o qual teve como ponto de partida a praça Getúlio Vargas e findou na praça Cônego Ângelo, em frente à Prefeitura e à Câmara Municipal de Ituiutaba. Portanto, “a cidadania não é assim simplesmente uma representação dos indivíduos dentro do Estado nacional, mas, sem dúvida, um fenômeno muito mais complexo que incide no quadro da dinâmica territorial cotidiana da sociedade” (GOMES, 2002, p. 139). A cidadania, não sendo apenas um produto da história, deve ser constantemente exercida para sua manutenção, ou seja, a própria manifestação da cidadania é que a garante, sobretudo no cotidiano e representada em público.

Nesse sentido, podemos utilizar também como fundamentação a perspectiva de Magalhães (2013) em relação às manifestações políticas. O autor infere que essas manifestações

São ações políticas que, apropriando-se da plenitude da palavra público, buscam a dimensão da cidade, acreditando que suas ideias não podem ficar guardadas ou reservadas para os espaços privados da vida social. As manifestações fazem parte da modernidade. Diversos momentos significativos da história foram contados e cantados a plenos pulmões nas praças das cidades (MAGALHÃES, 2013, p. 8).

As manifestações são atos coletivos de movimentos sociais. São ações especialmente urbanas, ocorrendo de forma preferencial em espaços públicos e no coração da cidade (centro), “não raro, convergindo para alguma praça central, escolhida pelo movimento como um espaço propício para as manifestações, por diversas razões” (MAGALHÃES, 2013, p. 9).

Sobre as festas e outras manifestações que demandam o público, recorrentemente ocorrem apresentações culturais diversas nas praças estudadas, que puderam ser evidenciadas como no caso do evento “Arte na Praça”, realizado pela Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2018, no qual foram apresentados números musicais durante a tarde de um domingo. Outro evento musical (noturno) realizado, dessa vez vinculado ao Serviço Social da Indústria (SESI), foi a apresentação pública de músicos. Outro destaque é a Feira Jovem Empreendedor, realizada pela Prefeitura Municipal, a qual foi resultado de um projeto em conjunto com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e as escolas municipais de Ituiutaba. Na ocasião, os alunos e membros dos projetos puderam expor, divulgar e comercializar seus produtos.

Nesse sentido, resguardando as características de Ituiutaba, a centralidade é exercida sobremaneira, conclamando ao centro, sobretudo ao núcleo central, a polarização das práticas de manifestações políticas, comerciais e culturais.

Como consequência, encontramos um descompasso na vida cotidiana dos indivíduos via segregação, pela imobilidade, tendo em vista que nem toda a população acessa o centro, como, por exemplo, por problemas de acessibilidade e de deficiência do transporte coletivo. A concentração das atividades no centro faz com que a reunião seja possível; porém, sua efetivação nem sempre se realiza.

A centralidade que concentra os fixos e fluxos urbanos impacta diretamente no espaço público. Nesse sentido,

Nó de tudo que é passível de ser reunido, o centro é a concretização da participação dos indivíduos e da realização da cidadania como exercício da esfera pública, daí a importância dos espaços públicos que materializam esta possibilidade. Ele é a probabilidade sempre acrescida do encontro, que permite a construção de uma história coletiva a partir das histórias particulares (CARLOS, 2016, p. 101).

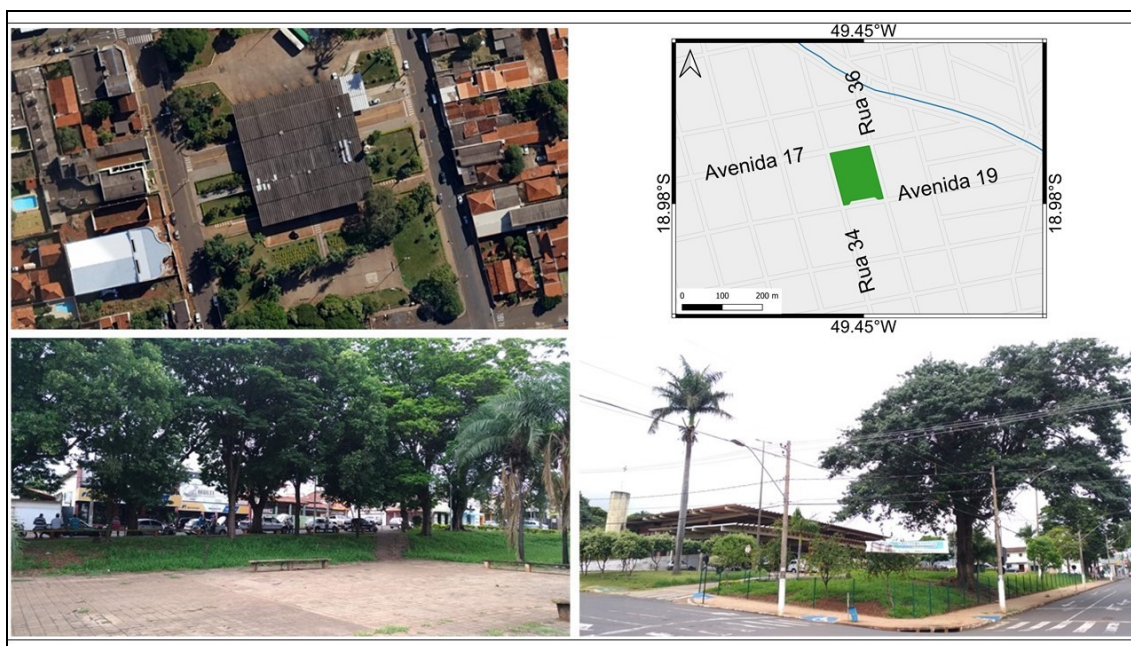
A perspectiva da centralidade proporciona um maior aprofundamento do espaço público, tendo em vista que, como é indicado por Arendt (1991), esse é o lugar onde vemos e somos vistos. Por concentrar tanto objetos quanto pessoas em fluxo constante, o centro propicia maiores possibilidades de encontros indeterminados.

O espaço de múltiplos usos e múltiplas territorialidades

Segundo Haesbaert (2014), o processo de territorialização se realiza através de relações de domínio e apropriação do espaço, ou seja, por meio de mediações espaciais do poder, em sentido amplo, que se estende do mais concreto ao mais simbólico. Assim, os diferentes grupos materializam no espaço as imbricações de seus usos como apropriação ou dominação como territorialidade, podendo estas não serem referenciadas ao objetivo e à função daquele espaço.

Nesta perspectiva, temos a Praça Joaquim Antônio de Moraes (Figura 4), a qual tem contiguidade com o Terminal Rodoviário Fernando Alexandre, servindo de local de acesso e ponto de circulação daqueles que ali buscam os serviços de transportes e o comércio existente. Porém, a circulação de pedestres é baixa, tendo em vista que as pessoas preferem, quando a pé, adentrar ao terminal pelas vias laterais, ou ainda, chegam em veículos particulares, fazendo uso do estacionamento, excluindo, assim, a praça de seu percurso.

Figura 4: Praça Joaquim Antônio de Moraes, onde se localiza o Terminal Rodoviário Fernando Alexandre, em Ituiutaba (MG), em 2018



Fonte: Lucas Alves Pereira (2020)

A responsabilidade pela manutenção desse espaço público é da empresa detentora da concessão do terminal rodoviário, sendo estabelecida pela Lei n.º 3857, de 28 de junho de 2007. Em certa medida, o terminal atrai usuários do entorno próximo, devido aos serviços oferecidos: caixa eletrônico 24h, revistaria, lanchonetes, loja de roupas, barbearia, relojoaria, restaurante, transportadora e atendimento da Polícia Militar.

Nas avenidas (17 e 19) e ruas (34 e 36) que margeiam a quadra, como identificadas por meio da Figura 4, o comércio se intensifica, para tanto, apresentando também farmácia, igreja, oficina de motocicletas, outras lanchonetes, bares, mercearia, depósito de gás, revenda

de pneus, bem como pensões, hotel e locadora de veículos, estes comumente localizados nas proximidades de terminais rodoviários.

Ainda, na rua 34 está localizada a sede da Polícia Civil em Ituiutaba, que por conta da de seu funcionamento, sobretudo pela vistoria de veículos, proporciona uso mais intenso na praça. Devido à sua proximidade, ocorre a presença de grande número de veículos estacionados em seu entorno, onde pessoas permanecem aguardando os serviços da Polícia Civil, sobretudo as vistorias veiculares que ali são realizadas. Diversos indivíduos aproveitam as sombras proporcionadas pela arborização da praça para aguardar o atendimento. Não raramente, formam-se longas filas de veículos, fazendo com que grupos de pessoas se agrupem na calçada da praça.

De outra maneira, como foi observado em momento distinto por Barbosa e Pereira (2018), neste local ocorre a reunião de vendedores ambulantes de produtos têxteis, que se encontram, organizam e distribuem as mercadorias entre si, para serem vendidas em outras áreas da cidade. Posteriormente, os vendedores se deslocam em direção ao núcleo central, para realizar as vendas. A ocupação do local para organização das vendas se deve, em grande medida, por ser também o lugar de pernoite, ocorrendo nos próprios caminhões ou em pensões localizadas no entorno do terminal.

Por fim, destacamos que, não diferentemente de outros terminais rodoviários, é facilmente encontrada na praça a presença de pessoas em situação de rua, vindas de outras cidades, ou que, devido ao fluxo, procuram ali meios de sobrevivência. Estas, por vezes, se estabelecem na praça, visando um lugar para dormir e se alimentar, deixando vestígios de suas estadias. Destacamos, então, como elemento dessa praça, os múltiplos territórios que podem se formar no espaço público; convivem, diariamente, diversos usuários, em territorialidades sobrepostas e justapostas, ocupando o mesmo espaço, sem que haja conflitos, ou apartando os usos, tendo em vista possíveis atritos. Enfim, esses são alguns dos aspectos que corroboram com a multifuncionalidade do espaço público na cidade contemporânea.

A praça como lugar de lazer e recreação

Identificamos, nas praças José Moreira Gonçalves e Caiapônia, um forte vínculo como lugar de lazer e recreação, sendo assim, uma das funções de uma área verde urbana.

Área Verde Urbana, a partir do é discutido por Loboda e De Angelis (2005) e principalmente pelo conceito formulado por Lima *et al.* (1994) e Llardent (1982), também a categorização, de Di Fidio (1990), corresponde a uma área especificamente urbana, dotada de vegetação e mobiliário, permitindo usos ativos e passivos. Dessa maneira,

Devemos nos atentar para o fato de que a simples conotação das áreas verdes pela vegetação vem se demonstrando por uma definição que se equipara mais a uma noção de arborização urbana, e, portanto, ainda pobre em relação ao potencial das áreas verdes a partir do cumprimento de suas funções: ecológicas/ambientais, estética/paisagística e lazer/recreação. Entendemos que essas funções perfazem um caráter físico objetivo do espaço, aquele a partir da externalidade. Dessa maneira, ao entender o caráter social, podemos agrupar a essas funções também as que proporcionam saúde humana (psicológica e motora) e educação (educação ambiental). Considerando essas funções, propomos nomeá-las como áreas verdes urbanas públicas, não indicando um novo conceito, mas reunindo a concepção dos autores que se debruçaram sobre o tema e a realidade empírica encontrada na cidade de Ituiutaba (PEREIRA; LOBODA, 2022, p. 90).

Neste sentido, o próprio conceito de área verde urbana pode se confundir com o conceito de praça pública. A praça pública, na maioria das formas apresentadas, sempre incorporou a função recreativa e contemplativa. Sabendo, então, que a recreação sempre cumpriu papel importante nas praças, vemos, na contemporaneidade, novas modalidades de

recreação e lazer. Neste sentido, o conceito de área verde urbana abarca tanto o lazer passivo quanto o ativo. A presença, por exemplo, de quadras poliesportivas e extensos gramados demarcados para a prática de futebol, garante a possibilidade desses usos, mas permite também outros esportes e atividades; desse modo, proporciona condições de lazer programados e também a partir da inventividade.

A praça moderna foi ratificada socialmente como elemento necessário à vida na cidade. A população passou a valorizar cada vez mais esses espaços livres ajardinados em resposta ao constante processo de urbanização e verticalização. Porém, não se trata mais de construir praças que sejam simples cenários bucólicos: a praça é um espaço livre, que deve ser destinado ao lazer (ROBBA; MACEDO, 2010, p. 37-38).

Sobre o valor funcional do espaço público livre, Robba e Macedo (2010, p. 45) indicam que “os espaços livres públicos são uma das mais importantes opções de lazer urbano. Em determinados bairros, a praça pode ser a única opção de espaço recreativo para os habitantes”. Nesta vertente, tendo por base a marcante função recreativa, encontramos, em Ituiutaba, a Praça José Moreira Gonçalves (Figura 5), com maior extensão, coberta predominantemente por vegetação e dotada de equipamentos comunitários. Complementarmente, temos a Praça Caiapônia, como um anexo em formato circular, de maneira a orientar o trânsito, sendo toda a sua extensão também majoritariamente composta por vegetação.

Consideramos a Praça Caiapônia (Bairro Platina) inserida na categoria de praça ajardinada, de acordo com Pereira (2019, p. 158), que explica que “as praças ajardinadas são áreas que aqui consideramos ter menores extensões e apresentam um conjunto de cobertura vegetal disposta de maneira a fomentar o uso contemplativo, de função essencialmente estética”.

Já na Praça José Moreira Gonçalves, conseguimos identificar diferentes tipos de usos: comercial, recreativo e estético. O uso comercial é realizado a partir de um quiosque de lanchonete, que não estava aberto durante o dia, no horário em que ocorreu uma das visitas ao local, sendo comprovado, posteriormente, em outra visita, que seu funcionamento é noturno.

Figura 5: Praça José Moreira Gonçalves e Praça Caiapônia em Ituiutaba (MG), nos anos de 2018 e 2019



Fonte: Google Earth Pro (2018); Lucas Alves Pereira (2019).

Destacamos o elemento paisagístico pela composição vegetal, o mobiliário, inclusive a presença do coreto, tornando a visão aprazível e contribuindo para a função estética da praça. A permanência dos usuários no local pode ser sustentada pela presença de sanitários que se mostraram em boas condições e com limpeza periódica; telefone público; lixeiras que, no entanto, são poucas e mal distribuídas. Ressaltamos que as boas condições da vegetação de ambas as praças (também da Praça José Moreira Gonçalves) se deve ao fato de possuírem um zelador que realiza a manutenção periódica do local.

Entre os equipamentos recreativos, evidenciamos também o “parquinho”, que se mostra abandonado, sendo atualmente apenas um espaço reservado para esta atividade, contando apenas com um escorregador sem condições de uso. Há um campo de futebol, que embora tenha boas condições, sobretudo do gramado constantemente aparado, permanece cercado e trancado, tendo seu uso controlado. Por fim, destacamos como principal vetor de usuários a quadra de esportes, que possui acesso livre, sendo constantemente usada para práticas esportivas e, sobretudo, por crianças.

Todas as praças visitadas a partir de nossa proposta, em certa medida, cumprem a função recreativa, configurando-se como área verde urbana. Porém, encontramos uma maior aptidão, devido à relação entre a vegetação, estrutura e os equipamentos dispostos na Praça José Moreira Gonçalves.

A praça de bairro e a periferia

De acordo com Robba e Macedo (2010), as praças adquirem distintas funções em virtude de sua localização, como foi possível visualizar anteriormente, com as praças centrais. Por outro lado, as praças com maior densidade residencial em seu entorno, possuem usos voltados ao lazer passivo (contemplação da paisagem) e ativo (brincadeiras), bem como para a convivência e o encontro da vizinhança. Esse tipo de praça é identificado por Robba e Macedo (2010) como “praça de bairro”.

A praça de bairro acaba por mostrar vínculo indissociável com a periferia das cidades, ou, pelo menos, com áreas não centrais. No entanto, cabe ressaltar que, ao indicarmos sua localização tendencialmente nas periferias, não podemos inferir, a partir de um senso comum, que são bairros pobres; pelo contrário, as praças tendem a ser escassas quantitativa e qualitativamente, na medida em que nos afastamos em direção às áreas mais periféricas.

Nesta categoria, enquadramos quatro praças (Figura 6): a Praça da Liberdade (a leste do núcleo central), a Praça Paul Percy Harris (a sul do núcleo central), a Praça Maria Gonçalves de Carvalho Macedo (a oeste do núcleo central) e a Praça Camilo Chaves, que, mesmo localizada no bairro centro, tem características de uma praça de bairro, sobretudo pelo entorno residencial.

Sobre a Praça da Liberdade, durante a semana e no período noturno, apesar de pouco movimentada, observamos alguns tipos de uso, sobretudo por crianças e adolescentes que residem no entorno. Essas crianças usam esse espaço como área de lazer, andando de bicicleta, jogando bola, passeando com o cachorro, ou simplesmente para conversar com os amigos. Durante o dia, podem ser observadas pessoas da vizinhança sentadas em cadeiras e conversando.

Do ponto de vista da sua disposição no bairro, a praça é um elemento estruturante do trânsito. O problema referente a isso está relacionado ao movimento de automóveis, tornando o acesso perigoso, em determinados momentos. Do ponto de vista do tamanho, a área da praça é pequena, comportando em sua área a vegetação gramínea, arbórea, iluminação e bancos em sua porção central. Sobre a manutenção, os equipamentos possuem condições de uso e a vegetação necessita de melhor trato paisagístico.

Figura 6: Uso contemplativo, encontros, brincadeiras e mobiliário em praças de bairro em Ituiutaba, durante os anos de 2018 e 219



Fonte: Lucas Alves Pereira (2018; 2019).

A Praça Paul Percy Harris fica próxima da Avenida Minas Gerais (importante eixo de ligação em Ituiutaba), sendo uma via de trânsito significativo, tendo em vista sua classificação enquanto via arterial. A praça possui poucas árvores de porte grande que são capazes de fazer sombra para amenizar a temperatura, sobretudo nos dias e períodos de mais calor, o que pode inibir a utilização do espaço da praça em determinados períodos. O espaço carece de melhor cuidado, tendo em vista que a vegetação rasteira estava alta e as plantas secas, ou seja, falta manutenção mais frequente, o que acaba corroborando para a perda de qualidade estética.

A Praça Paul Percy Harris foi a que apresentou menor uso por parte da população. Esporadicamente, a praça é utilizada por vendedores ambulantes para a exposição/comercialização de produtos como: redes de descanso, móveis de madeira, brinquedos, mudas frutíferas, entre outros. Isso se deve ao fato do movimento expressivo da circulação de automóveis pela Av. Minas Gerais, além do fato de estar localizada no encontro com a Rua 22, a qual dá acesso direto ao centro da cidade. Isso corrobora com a perspectiva dos múltiplos usos dos espaços públicos, os quais não necessariamente estão associados à contemplação, ao encontro ou ao lazer.

A oeste do núcleo central, a Praça Maria da Gloria Carvalho de Macedo tem também seu entorno residencial; porém, diferentemente das praças periféricas anteriores, tem um fluxo de veículos muito menor, por ser margeada por ruas intrabairros classificadas como “locais”, possuindo, inclusive, a mesma pavimentação da praça. Levando em consideração sua localização, o trânsito lento permite o fácil acesso dos pedestres à praça.

Tendo sido criada em janeiro de 2008, possui boas condições de conservação, tanto do mobiliário quanto da vegetação e pavimentação, mostrando, assim, um potencial atrativo relacionado ao paisagismo, permitindo usos vinculados à função estética e recreativa. Esse aspecto pode ser comprovado ao verificarmos o uso pela população do entorno, que realiza práticas de atividades físicas, como caminhadas, e o descanso nos bancos sombreados.

Há presença de pequenos grupos familiares que permanecem por breves períodos, em suas cadeiras, à sombra das árvores, com crianças, ou passeiam com cães. Sobre o uso noturno, não raramente são encontrados pequenos grupos e casais que se assentam nos bancos dispostos ao longo da extensão da praça.

Para tanto, os usos encontrados no lugar remontam à ideia de praça de bairro como praça de vizinhança, sendo aquela de uso tipicamente do entorno próximo, tendo, inclusive, intervenções na vegetação ou pequenas modificações realizadas pelos próprios moradores. Como destacado por Loboda (2016, p. 46), “é no bairro que ocorrem de forma mais significativa às relações de vizinhança, do acontecer solidário e afetivo, da identidade” das pessoas com o espaço público. Porém, o que comumente ocorre é a escassez desses espaços na periferia, se tornando uma espécie de “oásis” em meio à contiguidade das quadras construídas.

Por sua vez, a Praça Camilo Chaves acaba fazendo com que retornemos ao centro da cidade; porém, a incluímos no mesmo grupo das praças periféricas, devido ao conteúdo encontrado: função estética/paisagística predominante. Constatamos, a partir dos trabalhos de campo feitos no local, que predomina na praça o fluxo, tendo baixa ocupação de pessoas, ocorrendo pouco uso. No entanto, foi possível observar alguns momentos em que o uso contemplativo ou apenas para descanso ocorre.

Em períodos noturnos, aos finais de semana, parte da praça acaba sendo ocupada por pessoas que chegam a uma lanchonete estabelecida em frente à praça, por vezes retornando à praça para fazer o consumo e por ali socializarem juntamente ao seu grupo. Inclusive, a distribuição de lixeiras e iluminação se concentra nesta área da praça.

O uso especificamente da praça foi identificado a partir de momentos pontuais durante as visitas. Constatamos, em momentos distintos, que o lugar estava sendo utilizado por pessoas para a prática do futebol; também, um adestrador de cães utilizava o gramado para realizar sua prática e um pequeno grupo se exercitava, a partir de circuitos determinados pelo instrutor. Devido ao que foi encontrado, entendemos que, afora o uso da praça como acessório ao consumo realizado na lanchonete, os outros usos não trazem o deslocamento de pessoas de bairros distantes, configurando-a também como praça de vizinhança.

Por fim, realizada a análise do que foi encontrado nas praças periféricas, que tendencialmente realizam-se como praças de bairro, ressaltamos as anteriores como utilização da centralidade para exercício de manifestações políticas e culturais no espaço público, ou ainda, como lugar vinculado ao lazer e à recreação. Dessa forma, encaminhamos para a conclusão de nossa proposta de estudo do espaço público a partir das praças, um lugar público por excelência, por isso mesmo, condição e condicionante da sociabilidade urbana.

Considerações Finais

A partir do esforço no intuito da articulação entre teoria e empiria, é possível trazer aqui, de forma conclusiva, alguns apontamentos acerca das constatações e interpretações estabelecidas por meio do processo de pesquisa. Um dos destaques que fazemos diz respeito à necessidade de uma maior valorização, pelo Poder Público, das praças mais afastadas do centro da cidade, como, por exemplo, por meio da realização de mais eventos nesses locais, fomentando o uso ativo do espaço público.

Creemos que, ocorrendo a valorização desses locais públicos, conseqüentemente tais ações irão influenciar a população da cidade a utilizar os mesmos com mais frequência, fazendo com que a cidade seja realmente apropriada pelos cidadãos, no sentido público do termo.

Gostaríamos de chamar atenção, a partir das apreensões realizadas, que o espaço público das praças é plural, se considerada sua forma-conteúdo, da qual também faz parte a sua localização. A centralidade exerce maior dinâmica às praças ali localizadas, sobretudo pelo maior fluxo e pelas melhores condições de infraestrutura. Apresentam também, a partir dos usos e da disposição de determinados estabelecimentos e instituições, a formação territorialidades constituída por determinados grupos.

A disposição de equipamentos de lazer fomenta um tipo específico de praça enquanto espaço público. É nesse sentido que podemos enfatizar a praça de bairro, que apresenta um tempo mais lento, proporcionado pelos encontros da vizinhança do entorno desses locais.

De forma geral, com a conclusão desta reflexão, conseguimos perceber, ainda que a partir de uma primeira aproximação pautada na interpretação e descrição dos usos e possibilidades, que algumas das praças estudadas são utilizadas em diferentes momentos do dia e por grupos sociais diversos, que garantem aos espaços públicos uma multiplicidade de usos, manifestando a sociabilidade urbana.

Por fim, destacamos que esses aspectos nos incentivam a dar continuidade na discussão sobre a temática, a partir da preocupação com o sentido da cidade moderna enquanto um grande espaço público, mesmo que num horizonte utópico, reforçando a ideia do vir a ser, da possibilidade, do uso cotidiano, ou melhor, dos múltiplos usos, do uso compartilhado.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) pelos auxílios prestados.

Referências Bibliográficas

- ARANTES, Rafael de Aguiar. **O(s) espaço(s) público(s) numa cidade desigual e segregada**. 2021. Caderno CRH, 34, e021010. DOI: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.27018>. Disponível em: Vista do O(S) ESPAÇO(S) PÚBLICO(S) NUMA CIDADE DESIGUAL E SÉGREGADA (ufba.br). Acesso em: 10 nov. 2021.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- AZEVEDO, Ricardo José Gontijo. **O Espaço Público em Cidades Médias: Análise da Dinâmica Socioespacial de Praças e Parques de Limeira-SP**. 2015, 279f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, 2015. Disponível em: O espaço público em cidades médias: análise da dinâmica socioespacial de praças e parques de Limeira - SP (unesp.br). Acesso em: 10 de nov. de 2021.
- BARBOSA, Jessica Oliveira; PEREIRA, Lucas Alves. Os territórios dos vendedores ambulantes sazonais na cidade de Ituiutaba-MG: Um Estudo de caso que tem como Brejo do Cruz a origem dos migrantes. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 15., 2018, Catalão. **Anais...** Catalão: UFG, 2018. p. 588 - 599. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1037/o/ANAIS_XV_EREGEO.pdf?1530194645. Acesso em: 20 fev.2021.
- BARGOS, Danúbia Caporusso; MATIAS, Lindon Fonseca. Áreas verdes urbanas: um estudo de revisão e proposta conceitual. **REVSBAU**, Piracicaba - SP, v. 6, n. 3, p.172-188, set. 2011. Disponível em: ÁREAS VERDES URBANAS: UM ESTUDO DE REVISÃO E PROPOSTA CONCEITUAL | Caporusso Bargas | Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana (ufpr.br). Acesso em: 13 set. 2022.
- BENINI, Sandra Medina. **Áreas Verdes Públicas: A construção do conceito e a análise geográfica desses espaços no ambiente urbano**. 2009.,283 f. Dissertação (Mestrado) –

Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009. Disponível em: Áreas verdes públicas: a construção do conceito e a análise geográfica desses espaços no ambiente urbano (unesp.br). Acesso em: 10 dez. 2021.

BUCCHERI FILHO, Alexandre Theobaldo; NUCCI, João Carlos. Espaços livres, áreas verdes e cobertura vegetal no bairro Alto da XV, Curitiba/PR. **Revista do Departamento de Geografia**, [S.l.], n. 18, p.48-59, 2006. DOI: <https://doi.org/10.7154/RDG.2006.0018.0005> Disponível em: Espaços livres, áreas verdes e cobertura vegetal no bairro Alto da XV, Curitiba/PR | Revista do Departamento de Geografia (usp.br). Acesso em: 10 dez. 2021.

BUCCHERI FILHO, Alexandre Theobaldo; TONETTI, Emerson Luis. Qualidade Ambiental nas Paisagens Urbanizadas. **Revista Geografar**, [S.l.], v. 6, n. 1, p.23-54, 30 jun. 2011. Universidade Federal do Paraná. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/geografar.v6i1.21802>. Disponível em: QUALIDADE AMBIENTAL NAS PAISAGENS URBANIZADAS | Buccheri Filho | REVISTA GEOGRAFAR (ufpr.br). Acesso em: 10 dez. 2021.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2016.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

CAVALHEIRO, Felisberto; PICHIA, Paulo Celso Dorneles del. Áreas verde: Conceitos, objetivos e diretrizes para o planejamento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 1. 1992, Vitória. **Anais...** . Vitória: CBAU, 1992. p. 29 - 38.

COCOZZA, Glauco de Paula.; OLIVEIRA, Lucas Martins de. Forma urbana e espaços livres na cidade de Uberlândia (MG), Brasil. **Paisagem e Ambiente**: Ensaios, São Paulo, p.9-32, jan. 2013. Disponível em: Forma urbana e espaços livres na cidade de Uberlândia (MG), Brasil | Paisagem e Ambiente (usp.br): Acesso em: 19 jun. 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2005.

DI FIDIO, M. **Architettura del paesaggio**. 3. ed. Milano: Pirola Editores, 1990.

EBERHART, Isabel de Oliveira. A importância das praças como patrimônio cultural: Um estudo sobre a praça do Silêncio do bairro Modelo de Ijuí- RS. In: IV Mostra de Iniciação Científica Júnior, 2014, Ijuí. **Anais...** . Salão do Conhecimento. Ijuí: UNIJUÍ, 2014. Disponível em: PATRIMÔNIO CULTURAL: UM ESTUDO SOBRE A PRAÇA DO SILÊNCIO DO BAIRRO MODELO DE IJUÍ-RS | Salão do Conhecimento (unijui.edu.br). Acesso em: 20 fev. 2021.

FERREIRA, William Rodrigues. **O espaço público nas áreas centrais**: a rua como referência - um estudo de caso em Uberlândia-MG. 2006. 358f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: O espaço público nas áreas centrais: a rua como referência - um estudo de caso em... (usp.br). Acesso em: 10 dez. 2021.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GONÇALVES, Antônio Augusto de Oliveira; ABDALA, Mônica Chaves. **Comércio informal de alimentos nas ruas**: memórias e práticas recentes. 30^a Reunião Brasileira de Antropologia. UFPB: João Pessoa - PB, 2016. Disponível em: [1466450767_ARQUIVO_AntonioGoncalves_MonicaAbdala_Comercioinformaldealimentosnasruas.pdf](https://www.abant.org.br/1466450767_ARQUIVO_AntonioGoncalves_MonicaAbdala_Comercioinformaldealimentosnasruas.pdf) (abant.org.br). Acesso em: 20 fev. 2021.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Região de Influência das Cidades - 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: Regiões de Influência das Cidades | IBGE. Acesso em: 10 nov. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: IBGE | Cidades@ | Minas Gerais | Ituiutaba | Panorama. Acesso em: 20 jun. 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **População estimada**: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2021. Disponível em: IBGE | Cidades@ | Minas Gerais | Ituiutaba | Panorama. Acesso em: 10 dez. 2021.

LIMA, Ana Maria Liner Pereira; *et al.* Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 2, 1994, São Luís. **Anais...** São Luís: Cbau, 1994. p. 539 - 553. Disponível em: II Congresso Brasileiro de Arborização Urbana (erambiental.com.br). Acesso em: 08 dez. 2023.

LLARDENT, L. R. A. **Zonas verdes y espacios libres en la ciudad**. Madrid: Closas Orcoyen, 1982.

LOBODA, C. R. **Estudo das áreas verdes urbanas de Guarapuava - PR**. 2003, 160 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2003.

LOBODA, Carlos Roberto. Espaço público e periferia na cidade contemporânea: entre as necessidades e as possibilidades. *In*: **Revista Ra´e Ga** – Curitiba, v. 37, p. 37 - 66. Ago./2016: DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v37i0.40382>: Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/40382>. Acesso em: 10 nov. 2021.

LOBODA, Carlos Roberto. **Práticas socioespaciais e espaços públicos em Guarapuava- PR**. 2008, 337 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, 2008. Disponível em: Práticas socioespaciais e espaços públicos em Guarapuava-PR (unesp.br). Acesso em: 20 fev. 2021.

LOBODA, Carlos Roberto; De ANGELIS, Bruno Luiz Domingues. de. Áreas verdes públicas urbanas: Conceitos, usos e funções. *Ambiência*: **Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais**, Guarapuava, v. 1, n. 1, p.125-139, jun. 2005. Semestral. Disponível em: ÁREAS VERDES PÚBLICAS URBANAS: CONCEITOS, USOS E FUNÇÕES | Loboda | AMBIÊNCIA (unicentro.br). Acesso em: 20 fev. 2021.

MACEDO, Silvio Soares. Espaços Livres. **Paisagem e Ambiente**: Ensaios, São Paulo, n. 7, p.15-56, jun. 1995. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.voi7p15-56>. Disponível em: Espaços Livres | Paisagem e Ambiente (usp.br). Acesso em: 13 ago. 2022.

MAGALHÃES, Fabiano Rosa. As Manifestações no espaço público: a rua como lugar da expressão política. **Pensamento Plural**, Pelotas, v. 12, n. 7, p. 1-29, jun. 2013. Disponível em: As Manifestações no espaço público: a rua como lugar da expressão política | Magalhães | Pensamento Plural (ufpel.edu.br). Acesso em: 20 fev. 2021.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Espaço livre: objeto de trabalho. **Paisagem e Ambiente**, [S.L.], n. 21, p. 175-197, 30 jun. 2006. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da

Informação Acadêmica (AGUIA). DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i21p175-197>. Disponível em: Vista do Espaço livre - objeto de trabalho (usp.br). Acesso em: 08 fev. 2023.

MAZZEI, Kátia; COLESANTI, Marlene Teresinha Muno; SANTOS, Douglas Gomes dos. Áreas verdes urbanas, espaços livres para o lazer. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 1, n. 19, p.33-43, 2007. Disponível em: www.seer.ufu.br. Acesso em: 10 dez. 2021.

MILANO, Miguel Serediuk. Planejamento da arborização urbana: relações entre áreas verdes e ruas arborizadas. In: Encontro Nacional Sobre Arborização Urbana. **Anais** Curitiba: FUPEF. 1990. Disponível em: T - MILANO, MIGUEL SEREDIUK.pdf (ufpr.br). Acesso em: 10 dez. 2021.

NASCIMENTO, Plínio Andrade Guimarães; MELO, Nágela Aparecida de. Ituiutaba (MG): Os agentes econômicos e a (Re)Estruturação da cidade na rede urbana regional. **Revista Horizonte Científico**. Uberlândia, EDUFU. vol. 4, n. 1, ago., 2010. 35p. Disponível em: Ituiutaba (MG): os agentes econômicos e a (re)estruturação da cidade na rede urbana regional | Horizonte Científico (ufu.br). Acesso em: 21 nov. 2018.

NUCCI, João Carlos. **Qualidade ambiental e adensamento urbano**: um estudo de ecologia e planejamento da paisagem aplicado ao distrito de Santa Cecília (MSP). 2. ed. Curitiba: O Autor, 2008.

OLIVEIRA, Carlos Henke de. **Planejamento Ambiental na Cidade de São Carlos (SP) com ênfase nas áreas públicas e áreas verdes**: diagnóstico e proposta. 1996, 196 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1996. Disponível em: Microsoft Word - 3CEDC3D9-4D2F-933C.doc (ufscar.br). Acesso em: 26 ago. 2022.

PEREIRA, Lucas Alves. **Áreas verdes urbanas: um estudo a partir do espaço público em Ituiutaba**, Minas Gerais - Brasil. 2019. 218 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: Repositório Institucional – Universidade Federal de Uberlândia: Áreas verdes urbanas: um estudo a partir do espaço público em Ituiutaba, Minas Gerais - Brasil (ufu.br). Acesso em: 20 fev. 2021.

PEREIRA, Lucas Alves. **Ler a cidade pelo espaço público**: dinâmicas de produção e reprodução dos espaços de sociabilidade. 2023. 449 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2023.8035>.

PEREIRA, Lucas Alves; LOBODA, Carlos Roberto. **Caracterização dos Espaços Livres Urbanos e Áreas Verdes Urbanas em Ituiutaba (MG)**. In: BOVO, Marcos Clair; MACIEL, Fred. Múltiplos olhares, múltiplos sentidos: saberes e perspectivas interdisciplinares. Campo Mourão: FECILCAM, 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITUIUTABA. Lei Municipal nº 3.857, de 28 de junho de 2007. **Denomina praça pública da cidade de Ituiutaba**. Disponível em: Lei n.º 3.857, de 28 de junho de 2007. Câmara Municipal de Ituiutaba. Acesso em: 20 fev. 2021.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes.; BENFATTI, Denio Munia. Sistemas de espaços livre urbanos: construindo um referencial teórico. **Paisagem e Ambiente**, n. 24, p.81-88, 31 dez. 2007. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i24p81-87>. Disponível em: Sistemas de espaços livre urbanos: construindo um referencial teórico | Paisagem e Ambiente (usp.br). Acesso em: 12 mai. 2020.

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças brasileiras**: Public squares in Brazil. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997.

Recebido em: 07/01/2022.

Aprovado para publicação em: 14/06/2022.